

Exma. Escritora Stella Leonardos,
Digníssima Presidente da Academia Carioca de Letras.
Senhores Acadêmicos,
Ilustre Assistência. *

Deve haver algum ditado que expresse mais ou menos o seguinte: “*Quem nasce para fazer literatura, faz literatura em tudo que escreve*”, seja em relatório da administração municipal, como se deu com Graciliano Ramos, seja em uma simples carta de inscrição para concorrer a uma vaga na academia, como fez Edir Meirelles.

Na carta que, em 7 de março deste ano, escreveu aos acadêmicos, comunicando a sua intenção de candidatar-se à Academia Carioca de Letras, EDIR MEIRELLES se portou como um legítimo escritor e parece que adivinhou o que seria esta trifestiva solenidade de posse, na qual o tempo de recepção, não sei se para bem ou para mal, teria de reduzir-se ao *minimum minimorum*, como diria alguém que pretendesse exhibir uns tons de erudição latina, como no laconismo do famoso *veni, vidi, vince*, que até não viria mal a uma sessão coletiva como esta, onde nada menos de seis discursos serão proferidos, e no menor tempo possível, 12 a 15 minutos para cada orador, segundo me informaram.

Disse que o candidato “*parece que adivinhou*” por se haver antecipado e, em forma de um currículo que não se queria currículo, ter-se revelado nas entrelinhas, oferecendo preciosos elementos para quem tem a honra de recebê-lo nesta Academia. Na sua carta-ofício o então candidato Edir Meirelles expõe algumas informações que, sobre serem originais em documentos desta natureza, servem para a compreensão de sua vida na zona rural da estrada de ferro em Goiás, para a avaliação de sua formação intelectual, e para o julgamento de sua carreira de escritor, de Goiás para o Rio de Janeiro.

Basta a leitura de dois ou três parágrafos de sua carta para que se perceba, no dito e no não-dito, o seu orgulho de, por força da vontade e do talento, haver-se colocado inteiro na carreira de escritor, como bem o demonstra a maneira que usou para se descrever. Diz ele, logo de início:

Senhor Acadêmico, / Sou sertanejo do pé-rachado, nascido e criado na roça, interior de Goiás, onde fui vaqueiro e lavrador. Até os 15 anos tomei muito leite no curral e me fartei de araticum, pequi e pamonha. Só depois foi que me bandeei para a cidade.

O estilo protocolar da epistolografia acadêmica recebe o impacto da linguagem de um narrador em primeira pessoa, como se este estivesse iniciando um conto ou um capítulo de romance e não uma das costumeiras e conhecidas apresentações de candidato. Há algo de insólito, de diferente,

* Discurso de saudação a Edir Meirelles, na sua posse na Academia Carioca de Letras, em 24 de setembro de 2007.

de atitude que, se revela alguma prosápia, não deixa de possuir o seu tanto de originalidade. Logo a seguir, o candidato acrescenta:

Apesar da minha timidez, cometi alguns atrevimentos ao longo da minha vida, como amansar burro brabo, presidir o Sindicato dos Escritores do Estado do Rio de Janeiro e exercer atualmente a vice-presidência da União Brasileira de Escritores (UBE-RJ).

Repito que a sua carta é de março, hoje Edir Meirelles já não é mais o vice-presidente e sim o presidente dessa entidade cultural que tanto deve ao charme e à inteligência da nossa digníssima presidente Stella Leonardos. Nesse trecho da carta que acabamos de ler a descrição se volta para o próprio candidato-narrador, fala indiretamente da sua “timidez”, dos seus atrevimentos meio quixotescos, como o de amansar “burro brabo”, mas, como num anacoluto, muda de direção e trata com certa altivez das entidades que ajudou a criar no município de Pires do Rio, em Goiás, e daquelas à que pertence e que presidiu e vem presidindo no Rio de Janeiro.

Neste sentido, o recipiendário oferece de mão beijada os dados biográficos e críticos de que o saudante necessita para o seu discurso de poucos minutos:

Inicialmente – continua Edir – escrevi e publiquei 4 livros (dois de poemas, um de contos – premiado pelo UBE-RJ e um romance) decifrando mistérios do sertão. Recentemente cometi novo desatino – outro romance. Desta vez, ambientado na cidade grande com o título de *O feiticeiro da vila*. Saiba que de bruxarias e fantasmas os matutos entendem. Se o senhor não tiver medo de coisas misteriosas deste velho mundo, leia ao menos as primeiras linhas de meus despropósitos.

Em seguida, fala de quatro livros (que na verdade são cinco), mas não os menciona, e são os seguintes: *Poemas contaminados*, 1993; *O velho Januário*, contos, 1994; *Madeira de dar em doido*, romance, 1996; *Poemas telúricos*, 2003; e o romance *O feiticeiro da vila*, de 2006. Informa que os seus primeiros livros estão “decifrando mistérios do sertão”, e que o mais recente está “ambientado na cidade grande”. No final, como se estivesse dando um puxão de orelha, chama a atenção do acadêmico com estas palavras que, pela ousadia do seu tom quixotesco (no bom sentido), vale a pena repetir: “*Saiba que de bruxarias e fantasmas os matutos entendem. Se o senhor não tiver medo de coisas misteriosas deste velho mundo, leia ao menos as primeiras linhas de meus despropósitos*”.

Audácia e altivez se juntam ao tom disfêmico e meio humorístico de “meus despropósitos”, expressão que se deixa ler como “meus escritos”, “minhas obras”. Cria-se deste modo um impacto de novidade no estilo da postulação acadêmica. O certo, porém, é que Edir Meirelles, tal como soube fazer com a carta aos acadêmicos, soube trazer para as suas narrativas – para os seus livros – toda uma vivência cultural e literária que põe à mostra o seu talento de narrador e, sobretudo, o seu convívio com o mais importante regionalista do Brasil Central. Refiro-me a Hugo de Carvalho Ramos, cuja obra clássica, *Tropas e boiadas*, deixa marcas visíveis no romance *Madeira de dar em doido*. Mas o curioso e triste para a compreensão do

Brasil rural é que a relação patrão-empregado descrita por Hugo na novela “Gente da gleba”, em 1916, e que termina com a castração do empregado, é praticamente a mesma que oitenta anos depois Edir Meirelles relata entre o “Tião Valente e o patrão”. A grande diferença é que no romance de Edir o drama se dissolve passivamente em humorismo, com a irônica gargalhada do patrão.

O depoimento do grande escritor goiano, José J. Veiga, mostra o valor de Edir Meirelles como contista. Numa carta de 30 de agosto de 1994, ano em que se publicou *O velho Januário*, Veiga lhe diz: “*Você soube reproduzir literalmente a fala roceira sem cair no intolerável caipirismo dos regionalistas de antigamente. Isso quer dizer que você é escritor, e lhe desejo boas-vindas a essa comunidade sofrida*”. E veja a simplicidade desta descrição, que deve ter motivado a assertiva de José J. Veiga:

Noite de céu enfeitado. A lua dependurada bem enciminha das Tabocas. Uma belezura feita de encomenda. As estrelas brincam descontraídas balançando no infinito, de quando em quando se escorregam as mais travessas e despencam da abóbada, caindo quase aos pés do velho Januário. Saracoteando em meio do capinzinho, os grilos fazem serenatas às suas amadas. À beira do riacho, os sapos participam da orquestra. Alguns se banqueteiam das mariposas disponíveis, enquanto outros, tentando atrair namoradas, fazem serestas. À distância ouve-se o gorgoleio do rego-d’água e, espaçadamente, o upangão do monjolo. Um mugido de vaca em resposta ao choramio do bezerrinho. Um relinchar de cavalo perde-se na imensidão da noite enlutarada.

Não falta nada à composição da cena rural. Delineia-se um quadro bucólico que, se tivesse alguns pastores, dir-se-ia saído de alguma égloga de Virgílio. As frases nominais misturam-se com as frases verbais, produzindo um belo efeito no ritmo descritivo da narrativa.

É certo que não tratei de seus dois livros de poemas: fica para outra ocasião. O meu intuito por agora foi dar relevo ao trabalho de Edir Meirelles como escritor, sublinhar o sonho que o levou a sair da Fazenda Catingueiro, no sul de Goiás, e ir viver no famoso e malogrado centro espírita de Palmelo (aliás, tema de seu romance *Madeira de dar em doido*), esse sonho que o fez escrever os seus cinco livros e que se tem manifestado na administração de entidades culturais no Rio de Janeiro, sonho e força intelectual que o levaram à redação de sua carta de candidato, sonho, força intelectual e *élan* vital, o verdadeiro *entusiasmo* de quem tem dentro de si, se não um deus, a vontade, o desejo, a emoção, tudo isso que nos diz da importância de termos Edir Meirelles na Academia Carioca de Letras. Seja bem-vindo, meu caro conterrâneo.

Rio de Janeiro, 24 de setembro de 2007.

Gilberto Mendonça Teles

